

O CORPO, AS ONDAS, OS VERSOS DE *VOY A DORMIR* E O SUICÍDIO EM ALFONSINA STORNI

Cristiane de Mesquita Alves¹
UEPA

RESUMO:

Freud, em seu texto sobre *O poeta e o fantasiar* de 1908, escreveu que o poeta leva seu mundo de fantasia a sério a ponto de permitir a oscilação entre a mobilização afetiva da psique e a sensibilização desse mundo irreal sentido no próprio corpo no plano real. O corpo seria então, um território concreto para a manifestação das dores imaginárias e reais sentidas por um eu-lírico doente social que para se livrar dessa angústia e melancolia (in) vividas prefere ao isolamento ou ao término da vida. Diante deste pressuposto, é que se formula o objetivo deste estudo: analisar interpretativamente o soneto de *Voy a dormir* lançado no livro *Mascarilla y Trébol* (1938/2017) da poetisa argentina Alfonsina Storni e como esses versos se transformaram em um texto representativo de sua obra, na relação intrínseca entre a arte e a vida, depois do suicídio da autora no Mar del Plata em 1938. Para tanto, os procedimentos teóricos metodológicos empregados neste trabalho foram por meio da revisão de literatura de Freud (2015, 2016) e Birman (2017) sobre mal-estar social, morte e melancolia; Agamben (2017) no que concerne ao uso dos corpos; Butler (2017) sobre o relatar de si na obra e outros teóricos que serviram de base para o alicerce desta investigação.

Palavras-chave: Corpo, suicídio, Alfonsina.

Para introduzir Alfonsina

Alfonsina Storni foi uma das maiores vozes poéticas na Argentina do século XX. Uma mulher com uma escrita de muitos modos estéticos diferentes ao longo de sua carreira. Exercitava a escrita de suas poesias ora entre versos rimados, ora em versos brancos. Essa ruptura oscilante em suas obras levou autoras como Delfina Muschietti, de acordo com Bezerra (2020), a qualificar Storni como uma das escritoras pertencentes ao que ela chama de “a outra vanguarda”, ou seja, um grupo de poetisas que ficou à margem dos cânones estéticos do grupo da revista *Martín Fierro*, capitaneada por Jorge Borges e Evar Méndez, os quais terminaram por ditar o que era para ser um texto literário novo, dentro de uma nova estética que se organizava entre os artistas argentinos e o que deveria permanecer.

Nasceu na Suíça em 1892, mas foi à Argentina ainda criança e ficou no país até sua morte – suicídio no Mar del Plata em 1938. Dedicou-se também ao jornalismo, foi atriz de teatro, trabalhou com correspondência em uma empresa, conseguiu um emprego de “correspondente psicológica”, algo entre assessoria comercial e de marketing, numa pequena empresa de óleos e azeites, na qual respondia cartas de clientes e os estimulava a comprar

¹ Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC- UNAMA/Bolsista Prosup/CAPES). Professora de Literatura do DLLT da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Pesquisadora do Grupo Linguagens e Tecnologia (UEPA/CNPq).



mais.” (BEZERRA, 2020, s/p, grifo do autor), foi uma ativista feminista na Argentina, e, mesmo com repulsa de muitos escritores e artistas em relação a sua obra, conseguiu escrever seu nome como grande poeta, em seu tempo, no universo literário de espaços dominados por escritores homens.

Foi uma mulher subversiva, tanto na vida artística, quanto na pessoal. Desmitificava preconceitos e despostulava regras sociais impostas por um patriarcalismo ainda vigente com força na sociedade em que viveu. E o discurso destinado à mulher recatada e do lar, para ela, não deixava de ser mais um do falocentrismo para doutrinar e manter a mulher numa mordalha de obediência a um sistema familiar falido. Prova disso, tem-se a própria maternidade de Alfonsina. Ela foi mãe solteira. Assumiu sozinha seu filho, Alejandro, fruto de um relacionamento não público.

Embora, tenha escrito também textos em prosa, no mundo hispânico, Alfonsina é reconhecida mais como poeta do que como ensaísta ou prosista. Na prosa, sua produção está vinculada mais a escrita em jornais e revistas, como: artigos e ensaios voltados a uma postura feminista. Escreveu também para o teatro. Mas, sua maior produção se encontra na forma de poema. “A própria escritora fazia-se conhecer a ser reconhecida como poeta, pois, para ela, o gênero narrativo era considerado “objeto de trabalho”, e os poemas ‘razão de viver’.” (ROCHA, 2013, p.49, grifos da autora).

Fez da poesia seu maior projeto literário. E nesta proposta poética usou a metáfora “tanto a de chamar as mulheres para a luta, um canto feminista, como também a de, ante as vicissitudes da “vida” (metáfora de obstáculos a serem superados), ter a consciência ou o presságio dos amores malogrados.” (ROCHA, 2013, p.54, grifo da autora). Entre esses presságios poéticos de Storni, pode-se encontrar o fim que ela escolheu dar para o corpo, na escrita da poesia *Voy a dormir*, último texto escrito por ela, antes de se jogar as águas do Mar del Plata em 1938.

Sobre o suicídio de Alfonsina, consta uma nota mais, nesta breve introdução, antes de ir à análise deste poema propriamente dito. Circulam entre seus estudos duas versões. Uma “romântica” em que aborda que Alfonsina foi se entregando as águas do mar lentamente, e a que é mais aceita entre seus pesquisadores e biógrafos, a de que Alfonsina se jogou sobre as águas de cima de um quebra-mar.

Entre as ondas, os versos e o corpo (des) caído



O texto escolhido para esta análise foi publicado em 1938, no livro *Mascarilla y Trébol*. Composto pelos últimos versos escrito por Storni, ele sintetiza uma parte o teor da subjetividade do forte lirismo autobiográfico presente em muitas de suas poesias, sobretudo, a relação do dormir, descansar, morrer e o suicídio de Alfonsina, no mesmo ano da publicação.

Ele também inspirou a composição musical *Alfonsina y el mar* de Ariel Ramirez e Félix Lima, interpretada por inúmeros músicos de Língua Espanhola, como Mercedes Sosa e Chabuca Granda. Além da música, o poema *Voy a dormir* também inspirou a adaptação teatral *Alfonsina, el mar y yo* e a estátua em mármore construída às margens do Mar Plata, em homenagem à poetisa.

Os versos abaixo compõem o soneto na íntegra:

Voy a dormir

Dientes de flores, cofia de rocío,
manos de hierbas, tú, nodriza fina,
tenme prestas las sábanas terrosas
y el edredón de musgos escardados.

Voy a dormir, nodriza mía, acuéstame.
Ponme una lámpara a la cabecera;
una constelación; la que te guste;
todas son buenas: bájala un poquito.

Déjame sola: oyes romper los brotes...
te acuna un pie celeste desde arriba
y un pájaro te trae unos compases

para que olvides... Gracias. Ah, un encargo:
si él llama nuevamente por teléfono
le dices que no insista, que he salido... (STORNI, 2017, p. 93-94).

O título do poema já apresenta prenúncios de morte pelo eu-lírico de Storni, partindo-se da análise de que ele seria literalmente o último a ser escrito por ela. Ele já expressa o tom lúctico de um Eu “livre e desimpedido [*ungehemmt*], depois de concluído o trabalho do luto.” (FREUD, 2016, p.101, grifo do autor), ou seja, o eu teria a certeza de que depois da morte do corpo, a alma doente de um cansaço ou sofrimento nutrido por dores reais ou fictícias teriam fim.

Elementos fúnebres que lembram o ornamento dos túmulos, como os presentes na primeira estrofe: “Dientes de flores”, “manos de hierbas”, “el edredón de musgos escardados” reforçam a ideia de morte presente ao longo das demais estrofes, bem como “tenme prestas las sábanas terrosas”/ “me empresta os lençóis terrosos”(tradução minha), sugerindo que os



lençóis de terra, também fossem emprestados a ela para cobrir o corpo, depois de entregue as águas.

Os versos são arquitetados em um processo de luto, não destacando ou deixando fluir essências de melancolia, aquela que daria ao eu-lírico poético, só o desejo de dimensão do morrer, a vontade, ficando no remoer-se da dor, na lembrança do sofrer... A melancolia tão comum nos poemas lúgubres, que se percebe um eu atormentado e doente, que tem consciência, muitas vezes, de quem ocasionou este mal estar, mas não o que, também está presente nos versos de Alfonsina. “Isso nos levaria, de alguma forma, a ligar a melancolia com uma perda de objeto que foi subtraída da consciência, diferentemente do luto, no qual não há nada inconsciente no que se refere à perda.” (FREUD, 2016, p.102).

Por este motivo, ao se ler trecho como no verso: “Voy a dormir, nodriza mía, acuéstame.”, a certeza do eu-poético em “deito-me”, em ir e não mais voltar e pedir a nodriza/a enfermeira que se acostume com a ausência é uma alusão que se tem da consciência deste eu, na perda do que está para vir, no caso, da própria vida. Este jogo com palavras entre a arte e a vida organizado por Storni, neste poema, remete ao que Freud postulou sobre o poeta brincar com as palavras, mas alerta que neste jogo aparentemente lúdico, pode esconder um desejo profundo de que a fantasia se torne realidade. Para Freud (2015, p.54), o poeta “cria um mundo de fantasia que leva a sério, ou seja, um mundo formado por grande mobilização afetiva, na medida em que se distingue rigidamente da realidade.” Há consciência da realidade ou o que se deseja fazer na realidade das ações ilustradas no mundo poético, na construção do jogo da fantasia que caracterizaria o universo próprio da ficção.

Partindo-se dessa atribuição freudiana, ao escolher os elementos da vida e da realidade social como empréstimos de objetos concretos para dar uma função no texto ficcional, Alfonsina releu a vida na poesia e a poesia releu sua vida e expressa nos versos sua vontade de morrer, o que vem a acontecer em seguida, depois da escrita do poema *Voy a dormir*, enviado a La Nación, antes de sua morte.

Além disso, neste poema o que se ver é o reflexo do relato de si, despejado como vontade de morrer ao longo dos versos do soneto, de forma subjetiva, marcada, muitas vezes, por uma indefinição ou um abstracionismo, entendido aqui como algo que não se diz por concreto o que se deseja, o que caracterizaria o relato de si como uma interpelação, pois

se dou um relato de mim mesma para alguém, sou obrigada a revelá-lo, cedê-lo, dispor-me dele no momento em que estabeleço como meu. É impossível fazer um relato de si mesmo fora da estrutura de interpelação, mesmo que o interpelado continue implícito e sem nome, anônimo, indefinido. (BUTLER, 2017, p. 51).



Mas, este mesmo relato subjetivado destina à leitura uma interpretação consciente do desejo de luto do próprio corpo, nos versos do soneto, exemplificados explicitamente pelos elementos da natureza, ou por palavras e objetos que referenciaríamos ao sono/ nem que fosse o derradeiro a dormir, como “acuéstame”/deito-me ou “sábanas”/lençóis.

Isso pode ser observado em relação à morte de Alfonsina, no que diz respeito à motivação que a levou ao suicídio. Sabe-se que estava com uma doença incurável:

Ainda em colônia, no Uruguai, Alfonsina Storni volta a sentir as dores no peito, reavivando a preocupação com sua doença incurável. Quando retorna a Buenos Aires, toma conhecimento do suicídio de Leopoldo Hugones, no Tigre, e de Égle, filha de Horacio Quiroga, com apenas 26 anos. Aos domingos Alfonsina fará longos passeios no Tigre. Em março, vai a Mar del Plata, como de costume. As dores voltam e são intensas. (ROCHA, 2013, p.79).

Afasta-se dos amigos e se dedica a escrever *Mascarilla y Trébol*, escreve cartas ao filho e em outubro de 1938, entrega seu corpo às águas do Mar del Plata. Essa análise no que diz respeito às derradeiras ações da poetisa, pode se interpretada pela leitura dos últimos versos de *Voy a dormir*:

para que olvides... Gracias. Ah, un encargo:
si él llama nuevamente por teléfono
le dices que no insista, que he salido... (STORNI, 2017, p.94).

Observa-se que o eu poético de Alfonsina se funde ao eu real, remetendo ao que Freud (2015) já sugeria que o poeta teria a tendência de mesclar esses dois mundos; bem como ao pensamento defendido pelo filósofo Agamben (2017, p.233): “Uma vida, que não pode ser separada de sua forma, é uma vida para a qual, em seu modo de viver, está em questão o próprio viver e, em seu viver, está em jogo, sobretudo, seu modo de viver.” Isto reflete na vida e na obra de Alfonsina. Última poesia, para dar o último sopro de vida, como pode se exemplificar no verso: “le dices que no insista, que he salido...”, ou seja, de que não iria mais voltar.

O que se nota pela análise desta poesia, assim como em muitas escritas pela autora é que seus textos foram permeados pela intrínseca relação entre vida e obra. A arte poética e a voz cortante de certeza e convicções em suas crônicas e notas jornalísticas estiveram presentes no percurso de sua escrita, caracterizado pela ousadia que lhe marcou nos círculos intelectuais da Argentina.



Da mesma forma, a exposição do corpo e do desejo tal como aparece em sua obra, gerou o silêncio reservado de contemporâneos seus, como o poeta argentino Leopoldo Lugones, que a ignorava solenemente, muxoxos de Jorge Luis Borges, que se referiu à sua obra pejorativamente nas páginas da revista Proa, em 1925, como “imprecisões e gritarias de comadre que costuma nos oferecer a Storni”. No Brasil, recebeu, em 1921, uma resenha elogiosa porém vaga de Monteiro Lobato na Revista do Brasil, com adjetivos positivos mas sem ocupar em tomar-lhe os versos. (BEZERRA, 2020, s/p, grifos do autor).

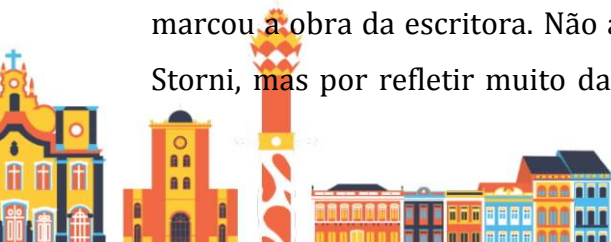
Mesmo diante de críticas literárias, marcadamente realizadas por homens como Borges, que já era um dos nomes mais importantes da Literatura latino-americana neste tempo, Alfonsina ignorou o que grandes homens, como ele pensava sobre sua obra e sobre ela, da mesma maneira como o fez para muitas regras sociais e artísticas exigidas nestes espaços para a mulher e para a artista. Convenções eram situações que não cabiam a uma mulher com um pensamento grande de Storni, por isso muitos de seus críticos e biográficos a colocam como uma artista pós-vanguardista e uma mulher a frente de seu tempo. Mas, uma coisa, tem-se que levar em conta no que tange às atitudes de Alfonsina, ela sabia e tinha domínio das formas de usar os sentimentos e as dores e colocá-los no papel, bem como compreendeu até que ponto era capaz de sentir esses dois no próprio corpo.

O mal estar de Alfonsina não estaria vinculado apenas à questão física provocada pela doença que sentia, mas estaria no que “estabelece-se então e se dissemina” (BIRMAN, 2017, p. 304), no psíquico, em especial nos discursos ontológicos machistas que são tendenciosos em buscar perfeições masculinas, para perpetuar no homem “sua eminente atividade, [e que] produziria o novo ser pelo corpo passivo da mulher.” (BIRMAN, 2017, p. 305), condição que Storni jamais aceitou enquanto viveu, e, enquanto vive entre seus leitores, por meio de sua escrita feminista e consciente de que a mulher deveria e deve ter seu papel social condicionada a si mesma, seja na vida pessoal, seja profissional, independente das vontades patriarcais vigentes na sociedade.

Para umas (in) conclusões

Diante das pequenas notas presentes no desenvolvimento sobre a vida e obra da escritora suíça naturalizada argentina Alfonsina Storni, principalmente, a partir da leitura dos versos do antissoneto, como ela própria escrevia sobre *Voy a dormir*, faz-se algumas considerações conclusivas, nesta subseção.

Voy a dormir representa um dos textos que é destacado pelo teor autobiográfico que marcou a obra da escritora. Não apenas por trazer palavras que antecipam a ação suicida de Storni, mas por refletir muito das dores que ela sentia, tanto as físicas no corpo, quanto as



psíquicas na alma e no coração, que ecoam na escrita de seus últimos versos apresentados em *Mascarilla y Trébol*.

Há nestes versos uma abordagem fúnebre que oscila entre traços de melancolia em um eu doente psicicamente que agoniza tanto, que chega a sentir no corpo a ação da dor que existe na alma, em busca de luto que termine literalmente este sentimento árduo sentido e refletido no corpo, o que culmina de fato, com o suicídio, metaforizado na escrita e concretizado no corpo de Alfonsina.

Além de perceber um mal estar social evidenciado nas práticas do patriarcado tão incômodo para a autora. Por este motivo, ela confrontava estes costumes através de suas publicações na imprensa, nos versos e declamações nos circuitos literários em que participava ou nos grupos sociais feministas que atuava ativamente, ou na maternidade que assumiu sozinha. Dessa forma, sua voz continua a representar a resistência feminista, na arte e na vida.

Entre o jogo da fantasia em que criava um mundo que despertava a consciência para a dor, e entre a dor no corpo sentida, pode-se dizer que a poesia de Alfonsina se fundia a sua vida. Nessa perspectiva, sua obra é uma espécie de diário, grosso modo, que acaba norteando os leitores, os biógrafos, os pesquisadores a buscarem uma nota de referência para entendê-la.

Logo, ao pensar na morte da autora, não se tem como não pensar em ler e estabelecer paralelos diretos ou indiretamente aos versos de *Voy a dormir*, por esta motivação é que esta breve pesquisa endereçou o tema proposto para esta investigação: associar a morte de Alfonsina (o suicídio), as ondas do mar, ao caminhar entre as águas do Mar del Plata... Alfonsina escolheu dar a própria morte, tons também de poesia e tomar sozinha, sua última decisão.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O uso dos corpos**. [Homo Sacer, IV, 2]. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

BEZERRA, W. A. **Alfonsina Storni, poesia contra a boçalidade**. 03 abr. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/alfonsina-storni-poesia-contr-a-bocalidade/>. Acesso em 21 junh. 2020. s/p.

BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.



FREUD, S. **Arte, Literatura e os artistas**. Trad. Ernani Chaves. Obras Incompletas de Freud. Vol. 5. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

FREUD, S. **Neurose, psicose, perversão**. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Obras Incompletas de Freud. Vol. 5. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

ROCHA, N. A. **A constituição da subjetividade feminina em Alfonsina Storni**: uma voz gritante na América. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

STORNI, A. **Poemas**. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 2017.

